

## ÁNGEL RAMA E ANTONIO CANDIDO, dois críticos de jornal

Doutoranda Joana de Fátima Rodrigues <sup>1</sup>

...

### **Resumo:**

*Como os críticos Ángel Rama e Antonio Candido trataram da recepção de novos autores, nacionais e estrangeiros, em seus períodos de atuação na imprensa: Rama no semanário uruguaio Marcha e Candido em Folha da Manhã. Cotejar as produções críticas de ambos em um recorte cronológico, — 1960 para Rama, e 1943 e 1944 para Candido — traz à luz dois críticos militantes, movidos por um interesse comum, a literatura.*

**Palavras-chave:** Crítica literária. Periódicos. Jornalismo. *Marcha*. *Folha da Manhã*.

### **1 Introdução**

O título do meu trabalho, *Ángel Rama e Antonio Candido, dois críticos de jornal*, traz mais uma vez a oportunidade de expor e discutir uma faceta ainda pouco estudada no cenário literário, que é a atuação de Antonio Candido e Ángel Rama como críticos de literatura no jornalismo. A razão da escolha deste tema se justifica na estreita relação entre os dois críticos que ultrapassou o campo da literatura e se estendeu ao campo da amizade, mas que foi interrompida pela morte de Rama em um acidente aéreo em 1983 na Espanha.

O estreito relacionamento de Rama e Candido tem início no ano de 1960 em Montevideu, quando Candido ao ministrar um curso de verão na Universidade de la República, conhece o crítico de literatura que nesse momento já atuava no semanário *Marcha*. A partir de então, até a morte de Ángel Rama, por meio de uma intensiva correspondência, que ainda segue inédita, os dois intelectuais passaram a discutir, refletir e complementar o exercício da crítica junto a um conceito comum que é o de literatura latino-americana. No tocante às questões teóricas, o primeiro contato entre Rama e Candido, no início do ano de 60, acontece pouco tempo após a publicação de *Formação da Literatura Brasileira*. Fato que mudará o olhar e o exercício críticos de Rama, pois a partir desse momento passará a incorporar o conceito de sistema literário em seu manancial teórico e especialmente nos textos que publicará no semanário *Marcha*. É assim, em fevereiro de 1960, que

---

<sup>1</sup> FFLCH/USP. Joana de Fátima RODRIGUES (FFLCH/USP) Profa. MS. Departamento de Literatura Brasileira  
joanarodrigues2@uol.com.br

Rama ao publicar um pequeno texto a partir de uma rápida entrevista com Antonio Candido intitulado *La nueva critica brasileña*, nos dá indícios de que maneira ele tratará a recepção de autores estrangeiros e nacionais nesse ano, que é o período escolhido como recorte deste trabalho.

Mas, após este pequeno movimento recortado, retomo o meu ponto de partida, aclarando que este trabalho — e lançando mão das palavras de Antonio Candido —, é um *galho* de outro, a minha tese de doutorado que vem sendo desenvolvida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências e Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação dos professores Flávio Wolf de Aguiar, do Departamento de Literatura Brasileira e Pablo Rocca, da Universidade de la República, em Montevideú.

Como parte de minhas pesquisas, ora em Montevideú ora em São Paulo, lancei mão de entrevistas, entrevistas essas que constarão dos apêndices do trabalho final de Doutorado. Dentre elas, recortei e reproduzo aqui em primeira mão, parte do depoimento do professor Antonio Candido para abrir este trabalho:

É que bons ou maus se tem [ali] o retrato da época. Se eu tivesse publicado, se eu tivesse ouvido o José Olympio eu teria publicado três volumes de *Notas de Crítica Literária*. Bons ou maus, para consulta, era ótimo. Se o estudante quisesse saber em 43 como é que o Jorge Amado foi recebido? Está ali. Clarice Lispector, está ali. (CANDIDO, 2009).

A referência de Antonio Candido é para o conjunto de 96 textos que ele publicou no período de janeiro de 1943 a janeiro de 1945 na seção intitulada *Notas de Crítica Literária* na *Folha da Manhã*, ao assumir a função de crítico titular do jornal. Esse conjunto reúne 71 textos dedicados à prosa; uma minoria está dedicada a temas ligados à política, sociologia, educação e tradução, incluindo uma incursão ficcional, diria, o texto *Uma Estranha Ratoeira*, publicado em 19 de março de 1944 e 15 outros que tratam de poesia. No tocante aos autores, Candido dedicou boa parte de suas críticas de jornal aos modernistas. Quanto aos autores estrangeiros, ele deu espaço para alguns nomes da literatura clássica, que da mesma forma que os autores nacionais, estavam chegando ao público leitor naquele momento. Tratava-se de Stendhal e Verlaine, por exemplo. Também Trotski e Antero de Quental tiveram a atenção do crítico.

A exemplo da valorização dos autores modernistas, Antonio Candido igualmente, manteve no espírito da tradição e do talento individual um de seus referenciais críticos. E talvez fosse uma das razões que sim, poderia justificar o interesse do crítico ao dedicar a T.S.Eliot os últimos cinco textos de sua temporada na *Folha da Manhã*, temporada que finalizou em dezembro de 1945.

Questionado, o professor reiterou que o editor e amigo José Olympio havia insistido na publicação de tais textos, porém Antonio Candido tenha afirmado na época que: “Não, isso é artigo

de jornal, é coisa transitória. No futuro eu vou escrever ensaios”.<sup>2</sup> Com uma ponta de arrependimento, Antonio Candido reconheceu que poderia ter cedido à publicação, e hoje poderíamos contar com o conjunto completo de seus textos críticos fundadores. E falar aqui em textos críticos produzidos para o jornal, é preciso salientar que este trabalho se restringe a esta faceta de Candido na imprensa, e que por isso, todos os demais conceitos teóricos que o crítico desenvolveu e consolidou para os estudos literários não serão aqui estudados.

Para a melhor compreensão de Antonio Candido crítico de jornal é preciso recordar que antes de sua passagem em definitivo para o mundo das Letras, ora como professor de Literatura em Assis, a partir de 1958, ora como autor de um livro de crítica (*O método crítico de Silvio Romero*), ele expunha-se ao público por meio do jornalismo. Primeiramente em textos publicados na revista *Clima*, em um período de 1941 a 1943, depois, numa sequência cronológica, nas páginas da *Folha da Manhã*, periódico que chegou a uma tiragem de 200 mil exemplares, e que na década de 40 circulava em boa parte do país.

Portanto, pegando de empréstimo o que apontou Célia Pedrosa,<sup>3</sup> foi a crítica jornalística que o inscreveu no processo de construção de uma consciência cultural brasileira. Pois Candido não só acompanhou a produção literária da época, levando para o “gpé de página”h as novidades – de obras nacionais e estrangeiras – como boa parte dos escritores brasileiros que surgiram nesse período. Entre uma lista expressiva de nomes que reuniu Mario e Oswald de Andrade, Fernando Sabino, Graciliano Ramos, entre outros, destaco o nome de Clarice Lispector como um dos exemplos. Foi para o primeiro romance da escritora *Perto do Coração Selvagem*, publicado em 1944, que Antonio Candido pôs em prática outra das capacidades do crítico, o risco. No caso de Lispector, Candido não só se confirmou como um crítico de seu tempo, nas palavras de Edward Said (SAID, 2005, p.35), porque trouxera para as páginas de jornal mais uma jovem autora nacional, mas igualmente soube ver na obra de Lispector sinais evidentes de um talento literário.

Como ilustração, reproduzo aqui um trecho da crítica de Candido, que a exemplo de outros textos foram posteriormente editados e reunidos no livro *Brigada Ligeira*, obra que teve o ano de 1945 como publicação e contou com posteriores ajustes do próprio autor, quando se deram outras edições.

A autora – ao que parece uma jovem estreante – colocou seriamente o problema do estilo e da expressão. Sobretudo desta. Sentiu que existe uma certa densidade afetiva e intelectual que não é possível exprimir se não procurarmos quebrar os quadros da rotina e criar imagens novas, novos torneios, associações diferentes das comuns e mais fundamente sentidas.

---

2 CANDIDO, Antonio em entrevista à autora, julho de 2009.

3 PEDROSA, Celia. **Antonio Candido: a Palavra Empenhada**. São Paulo: EDUSP. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994.

O seu ritmo é um ritmo de procura, de penetração, que permite uma tensão psicológica poucas vezes alcançada em nossa literatura contemporânea. Os vocábulos são obrigados a perder o seu sentido corrente para se amoldarem às necessidades de uma expressão sutil e tensa, de tal modo que a língua adquire o mesmo caráter dramático que o trecho (CANDIDO, 2004, pp.90-91)

Deste estofo são feitas as grandes obras. O livro de Clarice Lispector certamente não o é, mas poucos como ele têm, ultimamente, permitido respirar numa atmosfera que se aproxima da grandeza. E isto, em boa parte, porque a sua autora soube criar o estilo conveniente para o que tinha a dizer. Soube transformar em valores as palavras nas quais muitos não vêem mais do que sons ou sinais. A intensidade com que sabe escrever e a rara capacidade vida interior poderão fazer desta jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo, mais originais da nossa literatura, porque esta primeira experiência já é uma nobre realização. Entrecho. (CANDIDO, 2004, p.93)

Recentemente, quando estive participando da FLIP - Feira Literária Internacional de Paraty, Antonio Candido voltou a esta questão, a de que ser crítico literário de jornal é também deparar-se com uma atividade de alto risco. Daí a necessidade do crítico manter-se em uma atuação muito distinta daquelas aos quais se dedicavam os chamados críticos de rodapé. Aqueles críticos à moda antiga, nas palavras de Sússekind, “que se creem a consciência de todos, defensores do impressionismo, do autodidatismo, da *review* como exibição de estilo, da aventura de personalidade, do leitor-que-sabe-tudo”.<sup>4</sup>

Candido ao contrário dos críticos impressionistas, desde seus primeiros textos nas páginas da revista *Clima*, mostra-se um caso ímpar. É fundamental recordar que de sua formação faz parte a convivência familiar com as duas bibliotecas, a paterna e a materna, mais a formação acadêmica, na então recente Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade fundada em 1934. Mais, Candido já apresentava “por seu pendor de crítico nato”, linhas significativas de seu pensamento em relação à necessidade de uma crítica nova, que conectasse em relações dialéticas, a sociedade e a obra, em um tempo histórico, mediante uma forma de análise singular, ou um método. Estes elementos, ainda não totalmente lapidados, Candido já os tinha, ali na primeira metade dos anos 40.

Assim, ao lançar mão de um estilo em que o jargão acadêmico quase não aparece, o crítico faz uso de uma linguagem mais aparentada ao veículo de comunicação jornal que as escrituras acadêmicas ou ensaísticas, e do rigor das análises, centralizando-as nas obras literárias.

O ingresso de Candido no ofício da crítica jornalística acontece em um momento em que figuras consagradas da crítica literária já atuavam na imprensa brasileira como Tristão de Ataíde, Augusto Meyer, Lúcia Miguel Pereira, Álvaro Lins, Wilson Martins, Sérgio Buarque de Holanda,

---

4 SÚSSEKIND, Flora. **Papéis Colados**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003, p.17.

Nelson Werneck Sodré entre uma galeria de nomes. Embora a lista tendesse a engrossar se fosse somada a ela a relação dos críticos de rodapé, que justamente nesse período – entre os anos 40 e 50 – alcançam seu triunfo.

Era um momento que o cenário político se constituía em disputa acirrada, num contexto igualmente difícil, com uma guerra fora e uma ditadura dentro. Neste complexo cenário da Segunda Guerra Mundial e das implicações dos anos ditatoriais do Estado Novo, viviam os nossos críticos literários brasileiros também em estado de pugna.

Mas Candido nessa época já nos apresenta sinais de um crítico distinto. E um dos fatores que o ajudaram a ser assim, vem em depoimento do próprio Candido nesta recente entrevista já citada, realizada em sua casa, no bairro dos Jardins em São Paulo. “Quando eu comecei a fazer crítica eu fiz nome bastante depressa, sobretudo porque eu creio que os críticos eram quase todos, ou católicos ou liberais, e eu era de esquerda. Aí se dizia assim: “Puxa, afinal um crítico de esquerda. Está se vendo que o menino é socialista.” Então causou-se um certo barulho. Era ditadura do Estado Novo, e ser de esquerda tinha duplo valor”.<sup>5</sup>

Este pequeno delineio nos deixa clara a diferença da atuação de um crítico nas páginas de um veículo de comunicação e daqueles que se dedicam às outras páginas, a das publicações acadêmicas. Por isso que o período de dois anos em que assinou a coluna “Notas de Crítica Literária” na *Folha da Manhã*, marca não somente a estréia de Antonio Candido na grande imprensa como crítico de jornal, mas também a consagração de seu “tirocínio”, o de ser um crítico de Literatura. Endosso vindo do próprio Candido:

Foi nessa tarefa [de crítico titular], não na Universidade, que me formei como crítico, pois sou licenciado em Ciências Sociais, não em Letras, e naquele tempo dava aulas de Sociologia. O meu tirocínio foi portanto adquirido dentro da tradição franco-brasileira do jornalismo, o que me ensinou antes de mais nada a procurar clareza e simplicidade na escrita. Sou, portanto, um crítico de jornal que passou mais tarde ao ensino da literatura, o contrário do que é freqüente em nossos dias.<sup>6</sup>

## **2 Rama e os contemporâneos**

No entanto, a trajetória periodística de Ángel Rama se diferencia da trajetória de Candido. De mais intensidade e longevidade, o percurso do crítico uruguaio por jornais e revistas nacionais e estrangeiros, confirma uma de suas marcas mais expressivas, a coerência de atitude intelectual. Pois

---

<sup>5</sup> CANDIDO, Antonio em entrevista à autora, julho de 2009.

<sup>6</sup> Discurso proferido durante a cerimônia da entrega do Troféu Juca Pato em junho de 2008.

foi no jornalismo que Rama se firmou para dar prosseguimento a seu projeto maior, o de estudar, entender e refletir a literatura latino-americana como algo absolutamente vivo e forte, com DNA e tudo.

O mapa desenhado por Rama nas páginas de publicações periódicas voltadas basicamente à divulgação e discussão da literatura incluiu mais de 30 anos de dedicação a artigos críticos em vários veículos de comunicação, no Uruguai, na Argentina, na Venezuela, em Cuba, em Porto Rico, México Estados Unidos e \Europa e no Brasil. Porém, foi no semanário *Marcha*, um dos mais importantes periódicos da América Latina, que Rama consolidou-se no exercício da crítica literária. Leitor precoce do jornal já aos 13 anos de idade, o uruguaio veio a ser um grande colaborador do periódico. Sua participação se deu em dois períodos distintos: de 1949 a 1950, quando respondia pela seção de literatura chamada *Literarias* juntamente com o escritor e jornalista uruguaio Manuel Flores Mora, e posteriormente, de 1958 até o fechamento do jornal em 1973, então com a dupla função de crítico literário e editor da mesma seção.

Rama dividiu tarefas neste jornal com escritores como Juan Carlos Onetti, Eduardo Galeano, Mario Benedetti assim como nas páginas do caderno de literatura, o crítico contou com a colaboração de nomes como Pablo Neruda, Augusto Roa Bastos, José María Arguedas, Octavio Paz, Miguel Ángel Astúrias, Cortázar, Vargas Llosa, García Márquez, Carlos Fuentes, Manuel Puig, Ernesto Cardenal. Já, nas páginas destinadas aos temas da política e da economia, foram publicados textos de autoria de Salvador Allende, Che Guevara, Dom Hélder Câmara, Celso Furtado, Darcy Ribeiro dentre outra lista igualmente extensa de colaboradores.

Sob os ecos da Revolução Cubana, Rama levou para as páginas do semanário, obras de escritores nacionais e estrangeiros. Como marca já evidente de seu trabalho jornalístico, o crítico uruguaio que manteve ligações arraigadas ao modernismo latino-americano, ao exercício do ensaio e ao novo, deu um voto para o nacional. Assim, Rama imprimia em seus textos de jornal olhares voltados para o latino-americanismo, aos novos autores e também à crítica brasileira. Nesse conjunto de 46 textos assinados por Rama no ano de 1960 constam também autores estrangeiros, como Boris Pasternak, por exemplo, que a exemplo de outros, se voltou para as questões marxistas e humanitárias, pontos presentes na produção de Rama especialmente nesse período.

Mas é para os autores nacionais a inclinação do crítico uruguaio neste recorte. Imbuído de um movimento que ganhou adesão de intelectuais da América Latina, o de latinoamericanização,

Rama assumia de vez o compromisso crítico que implicava em reconhecer na obra literária um elemento de comunicação e um instrumento de participação social.

Assim, Rama começa a dar os primeiros passos para a consolidação de que a crítica, assim como os escritores, deve conviver com o que acontece na rua, na tentativa de desfazer ranços do passado no que dizia respeito aos autores e obras populares. Seguindo essa linha de atuação, nesse ano de 60, Rama deu espaço para autores uruguaios como os narradores Felisberto Hernández, Juan Carlos Onetti, Clara Silva, Francisco Espínola, Mario Benedetti, Armonía Somers, por exemplo, em texto datado de 12 de fevereiro de 1960. Semana seguinte, o crítico dedica sua coluna aos poetas de seu país, e publica sob o título de “Poesía uruguaya 1959” um texto a respeito da produção de Juan Cunha, Sarandy Cabrera, Susana Soca, Ricardo Paseyro, Orfila Bardesio e Carlos Brandy.

É para Hernández as palavras de Rama no texto intitulado “Narradores uruguayos”:

Felisberto Hernández comparte actualmente con J. L. Borges la primacia de del cuento fantástico en el Plata, que iniciara Quiroga en el primer cuarto de siglo... Aunque en la ficción de ambos escritores se dan algunos rasgos comunes – por ejemplo, la presencia del ambiente vernáculo y la intervención de circunstancias biográficas (o supuestamente tales) mezclándose al clima fantástico del relato – en lo esencial son distintos. En Hernández, la sustancia es más directa, intuitiva y humana – y aparentemente, menos elaborada – que en Borges, en quien esa ardua elaboración literaria y hasta erudita, es inmediatamente perceptible. También el elemento biográfico parece en Hernández más auténtico, menos supuesto, y algunos de sus relatos – casi siempre en primera persona – dan realmente la sensación de que provienen de sus propias experiencias, más o menos transfiguradas. En cuanto al estilo, a la prosa, la de este parece, asimismo más espontánea que la de aquél en quien se percibe la voluntad de estilo, como en la composición misma. Pero es, sobretudo, el humorismo – carácter predominante en Hernández – lo que más radicalmente les distingue. En Borges no existe humorismo, aunque sí ironía, que es otra especie. Estos puntos comparativos, tratándose de autores coetáneos que cultivan género semejante, son muy aclaratorios y legítimamente críticos.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Felisberto Hernández comparte atualmente a primazia do conto fantástico na região do Plata, que Quiroga havia iniciado nos primeiros 15 anos do século... Embora na ficção de ambos escritores existam alguns traços em comum – por exemplo, a presença do ambiente vernáculo e a intervenção de circunstâncias biográficas (ou supostamente desta natureza) misturando-se ao clima fantástico do relato – na essência, são distintos. Em Hernández, a substância é mais direta, intuitiva e humana – e aparentemente menos elaborada – que em Borges, em quem essa árdua elaboração literária, e até erudita, é imediatamente perceptível. Também o elemento biográfico parece ser em Hernández mais autêntico, menos hipotético, e alguns de seus relatos – quase sempre em primeira pessoa – dão realmente a sensação de que provêm de suas próprias experiências, mais ou menos transfiguradas. Quanto ao estilo, a prosa, deste parece, mesmo assim, mais espontânea que daquele, em quem se percebe a força do estilo, como na própria composição. Mas, é sobretudo, o humor – caráter predominante em Hernández – o que mais radicalmente os distingue. Em Borges não existe humor, mas sim ironia, que é outra coisa. Estes pontos comparativos, tratando-se de autores coetâneos que cultivam gênero semelhante, são mais esclarecedores e legitimamente críticos. (Tradução minha).

## Conclusão

Desta maneira, Ángel Rama e Antonio Candido, cada um, a seu modo, em um determinado tempo e espaço – nas páginas de um periódico –, nos remetem para os movimentos da Literatura junto aos autores nacionais e estrangeiros, diante de um público leitor que demandava o “crítico” dos textos. Produções fundamentais para o processo de reconfiguração da literatura brasileira diante da literatura latino-americana. Traços essenciais para um novo desenho da literatura no continente latino-americano.

## Referências Bibliográficas

- CANDIDO, Antonio. **Brigada Ligeira**. São Paulo, 3ª. ed. Revisada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.
- PEDROSA, Celia. **Antonio Candido: a Palavra Empenhada**. São Paulo: EDUSP. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994.
- SAID, Edward W. **Representações do Intelectual**. trad. de Milton Hatoum. Cia das Letras: São Paulo, 2005.
- SÜSSEKIND, Flora. **Papéis Colados**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.